

DEVIDO A EXPLOÇÃO DE UMA BOMBA**REDUZIDO
em 90 por cento
o abastecimento
de água a Lisboa**

O rebentamento de uma carga explosiva na principal conduta de água que abastece Lisboa, ocorrido esta madrugada perto da Póvoa de Santa Iria, fez reduzir em 90 por cento o caudal do tão precioso líquido. A explosão, que se verificou às 2 horas, causou um rombo de cerca de um metro, sendo muito elevados os prejuízos na secção da referida conduta.

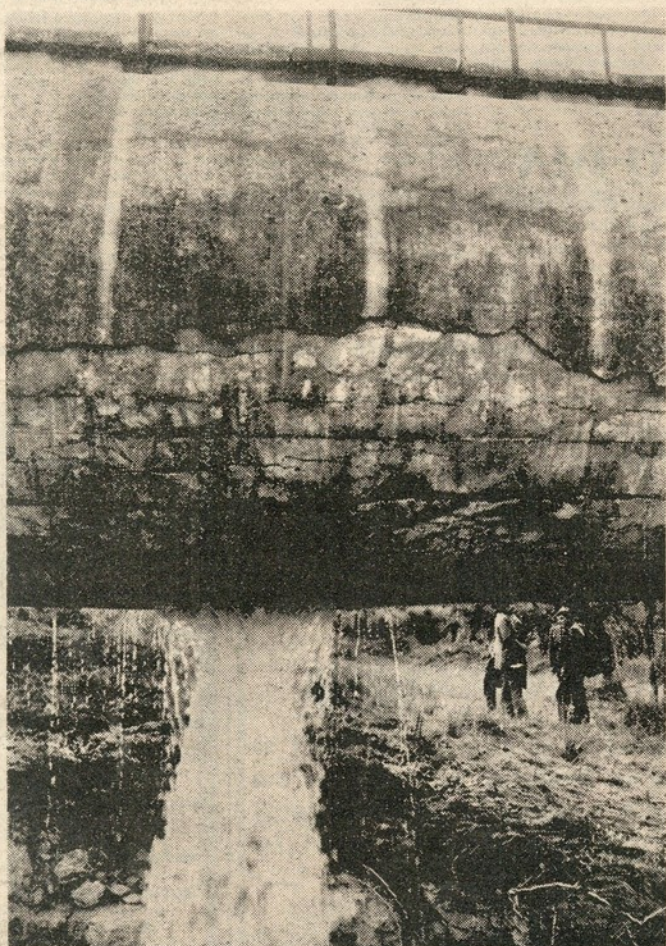


Foto de JOSÉ ANTUNES

ANUNCIOU O MINISTRO DA AGRICULTURA E PESCAS**VÃO SER ALTERADAS
AS LEIS
DA REFORMA AGRÁRIA**

- O NOVO PROGRAMA PREVÊ UM CUSTO SUPERIOR A 20 MILHÕES DE CONTOS

Pág. 9



di especial

**Eleições
para
as Autarquias****PORTO e COIMBRA****O MEDO e o CANSAÇO**

Destacável

LETRAS & ARTESUm suplemento de 12 páginas
Salientamos:

- O PORTUGALÃO DE QUADRINHOS — polémica — por JOÃO MEDINA
- GAZETA LITERÁRIA
- DA BELEZA — Um texto poemático de CASIMIRO DE BRITO
- LIVROS ESCOLHIDOS — por JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA
- CAMÕES NO SERTÃO — por VITORINO NEMÉSIO

CONCLUSÃO DO ROMANCE DE JOSÉ RODRIGUES MIGUEIS

*A Venezuela
poderá
receber
200 mil
refugiados
de Angola*

Eleições para as Autarquias

BRAGANÇA E VILA REAL

—DOIS DISTRITOS ESQUECIDOS...

A PRESENTAMOS, hoje, na última página deste destacável, dois quadros referentes aos distritos de Bragança e Vila Real. Estes dois distritos incluem-se no número daqueles a que se tornou impossível deslocarmo-nos, em virtude de, tal como havíamos explicado, aquando do início da publicação das reportagens dedicadas aos distritos, «o tempo de duração da campanha reduzido, para os jornais, pelos dois feriados nele incluídos, não nos ter permitido o indispensável desenvolvimento dos trabalhos dos repórteres do «D. P.», e porque os próprios quadros redatoriais deste jornal não suportariam, neste momento, a mobilização dos elementos necessários à concretização de um plano mais ambicioso e, naturalmente, mais de acordo com os nossos propósitos de levantamento geográfico do País.»

Esta opção, que não pretendia ser arbitrária, partiu de consultas feitas e teve em vista diversos problemas e questões mais prementes.

Não é, no entanto, sem uma certa mágoa que aqui deixamos aos nossos leitores uma palavra de frustração pelo facto de nos ter sido de todo impossível deslocarmo-nos a Trás-os-Montes, terra por de mais votada ao esquecimento, não só durante o anterior regime como, mesmo, depois do 25 de Abril. Terra dominada pelo caciquismo e pelas duras condições de vida em que continua a viver a maioria das suas populações. Terra escondida para lá do Douro, entrecortada por montes e vales, de grande miséria e pouco atenta ao que de

bom ou mau se passa no resto de Portugal.

O exame dos quadros dará ao leitor a perspectiva da inserção e da forma como os partidos tentaram apresentar as suas candidaturas nos dois distritos. As notas de mais interesse dizem respeito ao facto de o C. D. S. não apresentar listas em Freixo-de-Espada-a-Cinta e Vimioso e o P. S. D. em Alfândega da Fé.

Já no que respeita às freguesias, a maioria delas está coberta por candidaturas do Partido Social-Democrata e do Centro Democrático Social, os dois partidos com maior inserção nesses dois distritos. De notar, por outro lado, e grande quantidade de freguesias com menos de 300 eleitores, no distrito de Bragança, pode dizer-se, mesmo, que é o mais elevado registado em todo o País, e que dá bem conta da situação daquela região, onde de acordo com a lei, se terão de realizar inúmeros plenários de cidadãos eleitores que terão de eleger a sua Junta de Freguesia. De notar, para além disso, que não existe nos dois distritos qualquer freguesia sem qualquer lista de candidatos, o que é de saudar, pois situação idêntica não se passa noutros distritos, alguns deles bem mais próximos dos grandes centros urbanos e industriais.

Uma das mais interessantes curiosidades residirá no facto de se acausar até que ponto as populações irão ou não encerrar a participação da Frente Eleitoral Povo Unido da forma positiva, tendo em vista os resultados obtidos anteriormente naqueles distritos pelos partidos que a integram.



O MEDO E O CANSAÇO

A multiplicidade de características do distrito de Coimbra, em presença dos fenómenos físicos e geográficos que determinam a sua existência, a sua economia e o seu comportamento social, o alheamento, o cansaço, a incredulidade das gentes do distrito do Porto, e as suas carências e o caciquismo imposto às populações — são temas em foco nas reportagens que hoje publicamos, nas centrais deste destacável, dedicadas àquelas duas regiões.

Caminhamos, assim, para o termo de uma rápida e, até por isso, incompleta mas suficientemente esclarecedora amostragem do País, ou de algumas das suas zonas mais controversas, em vésperas de eleições para as autarquias locais. E também no Porto e em Coimbra, ao dar-se a palavra ao Povo, a regra do desencanto da política acabou por se confirmar — até pelas excepções constantes das reportagens...

DISTRITO DO PORTO

ELEITORES INSCRITOS: 931 227, número referente a Junho de 1976.

CONCELHOS: 17.

FREGUESIAS: 361 com mais de trezentos eleitores e 20 com menos de trezentos eleitores.

PERCENTAGENS NAS ELEIÇÕES DE ABRIL/76: P. S., 40,7 • P. P. D., 27 • C. D. S., 15,7 • P. C. P., 8,4 • U. D. P., 1,5 • F. S. P., 0,5 • L. C. I., 0,3 • M. E. S., 0,3 • M. R. P. P., 0,2 • P. R. T., 0,2 • A. O. C., 0,1 • P. C. P. (m.-l.), 0,1 • Votantes, 88,2 • Abstenções, 11,8 • Votos brancos, 0,5 • Votos nulos, 3,8.

CONSIDERANDOS: Não concorrem neste distrito o P. P. M. e o P. D. C. Apresentam-se às urnas 68 listas de cidadãos independentes, candidatas a Assembleias de Freguesia, não havendo nenhum local sem qualquer lista de candidatos.

DISTRITO DE COIMBRA

ELEITORES INSCRITOS: 310 092, número referente a Junho de 1976.

CONCELHOS: 17.

FREGUESIAS: 175 com mais de trezentos eleitores e 18 com menos de trezentos eleitores.

PERCENTAGENS NAS ELEIÇÕES DE ABRIL/76: P. S., 40,89 • P. P. D., 26,7 • C. D. S., 12,4 • P. C. P., 7,25 • U. D. P., 1,1 • F. S. P., 0,7 • L. C. I., 0,5 • M. R. P. P., 0,5 • Votantes, 77,42 • Abstenções, 22,2 • Votos brancos, 1,2 • Votos nulos, 5,5.

CONSIDERANDOS: Não concorrem neste distrito o P. C. P. (m.-l.), o P. D. C., o P. P. M. e o P. R. T. Apresentam-se às urnas 47 listas de cidadãos independentes, sendo 23 do concelho de Coimbra e 24 nos restantes concelhos do distrito, não havendo qualquer freguesia sem lista de candidatos.

Coordenação de CARNEIRO JACINTO • Reportagens de ROCHA PATO (Distrito de Coimbra) VITORINO DE SOUSA • TITO VAN KRIEKEN (Distrito do Porto)
Fotos de VARELA PECURTO e MANUEL TEIXEIRA

PORTO E COIMBRA O MEDO E O CANSAÇO

QUE se passa no Porto, a três dias das eleições para as autarquias locais? Desinteresse, alheamento, cansaço, incredulidade? Seja o que for, a verdade é que o ambiente pré-eleitoral é totalmente diferente do das três eleições feitas depois de 25 de Abril.

Nas ruas, os cartazes, pelo seu número, não chegam a chamar a atenção. As inscrições nas paredes são muito poucas. Os comícios ainda menos. O período de propaganda foi encurtado, é certo, mas há um silêncio, um quase «votar anteriormente pleno» de actividade e até efervescência. Será isto indício do quadro que vamos ver no domingo?

Mas, o Porto não é apenas a cidade e panoramas diversos se desenvolvem no segundo distrito do País, cujo espaço eleitoral tem nitida influência nos resultados. Na área urbana da cidade e concelhos vizinhos, a maioria dos cidadãos está mais ou menos bem informada politicamente, com opções fei-

foi o seu regresso pelas próprias características das eleições para as autarquias locais.

Promete-se tudo. A rua, a água, a estrada, a ponte, a escola, os transportes. E é fácil fazer o inventário das carências, em qualquer freguesia ou concelho.

Tal e qual como dantes, mas agora com uma agravante: todos prometem mais ou menos o mesmo. E, no entanto, ainda há quem não saiba o que significa autarquia e muitos continuam firmemente convencidos de que tudo se faz por obra e graça do Terreiro do Paço, com intervenção, mais ou menos decisiva, do senhor governador ou do senhor deputado.

É manifesta a falta de informação. É visível o erro da abstenção da televisão e do rádio na propaganda, ou, pelo menos, no indisponível esclarecimento do povo. Meios áudio visuais nunca poderão ser afastados, em matéria de informação, de um povo onde ainda se contam por centenas de milhares, os analfabetos e onde menos de dez por cento da

liação e regionalização ainda não deu sinais de vida, ainda não foi sentida pelo povo.

Enquanto isso, os partidos aplicam o recrutário eleitoralista habitual, o que, nas circunstâncias apontadas, nem sempre contribui para o esclarecimento, antes aumenta a confusão nos meios menos politizados.

Na campanha portuguesa, avulta a actividade da F. E. P. U., logo seguida do P. S. e do P. S. D. e, depois, com nitida discriminação, o C. D. S., o que aliás já se verificou nas eleições anteriores.

A L. C. I. e o P. R. T. actuam com a modéstia de meios conhecida, de acordo com a implantação partidária que possuem, o que não quer dizer que isso corresponda à ausência de combatividade e entusiasmo. E o mesmo se pode dizer dos G. D. U. P., que nestas eleições se evidencia por vigorosa acção directa junto das populações mais carecidas, de acordo, aliás, com o seu programa.

Cabe aqui, ainda, uma palavra para as listas não parti-

não haver grande entusiasmo, pelo menos exteriorizado, para as eleições de domingo próximo, o que pode também significar um apuramento da prática democrática.

Aparentemente, pelo menos, há um certo constrangimento por «se ter de votar mais uma vez». Ao longo do ano, o cidadão foi obrigado a votar duas vezes e sofreu os «ataques» de duas campanhas aceas. Há quem se sinta cansado. Mas, o certo é que, dia a dia, vai-se falando do assunto, discutindo-se, inclusive, a inclusão de certos nomes que figuram nas listas capazes de levarem votantes a inserir a «cruz» na lista que não estava nas suas previsões.

«O PALAVRÃO AUTARQUIA»

— Que pensa das autarquias locais?

— Olhe, eu acho que muita gente, a mais humilde, se interroga sobre o que quer di-

gostaria de ver resolvidos e que datam de há um rol de anos. Mas, infelizmente, estou desde já convencido de que, findo o mandato, não os encontrarei solucionados.

— Não acredita na boa vontade e na competência dos seus concidadãos?

— Acredito, acredito. Que diabo, eles vão tentar fazer alguma coisa. Alguns irão mesmo além das próprias forças. Mas, eu gostaria que se limitassem, mas todos, a pregar isto, apenas: amai-vos uns aos outros. Só isto e sempre isto. Tenazmente. Com calor. As ruas depois ficariam mais limpas. Não se partiriam tantos vidros dos abrigos destinados aos passageiros dos transportes colectivos. As fachadas das casas seriam outras, sem «slogans» de ódio.

Chove; mesmo em «su sítio», no passeio, o peão é vítima de um jacto de água. Solta uma expressão que não lhe está no hábito, contra o automobilista. Acalma-se depois:

— Vamos lá a ver se, após as eleições, as autarquias locais acabam com os buracos nas ruas. Isto é uma vergonha. Tanto desemprego e ninguém a consertar os asfaltos. Ninguém a remover o lixo, que se encontra em locais que deviam estar sempre assados. Ninguém a fazer algo de concreto contra a poluição sonora, que nos atordea durante o dia, durante a noite, minuto a minuto.

— À Junta de Freguesia, pouco, muito pouco, pedirei. Isto aqui, na Maia, é diferente do Porto. Dou-me por satisfeito se a sede da Junta do bairro da freguesia, não queixo ao extremo. A Câmara é que compete lutar pelo que nos exige mais: alargar caminhos, aumentar as habitações, andar o concelho, eu sei eu sei...

Dorme em Gaia apenas. Trabalha, come, diverte-se, e aflições, no Porto:

— Não sei se o meu voto útil. Mas não falta. Acredito à partida que os candidatos não são meras ilusões. Muitos deles talvez não tenham um mínimo de condições para ocuparem o lugar. Vão além da chinelagem. Mas não haverá grandes males. Será, para eles para nós, eleitores, uma lição. Em democracia, um homem está sempre em crescimento. Dia a dia está mais seguro de si, da sua opinião, da sua responsabilidade. Dia a dia não se deixa levar pelo que se vê e ouve ao seu redor. Não se deixa levar por assuntos abstractos. Meu caro amigo, despejam obscuridades altas horas da madrugada, e nada valendo rogar-lhes que façam local de reunião de outros, irão também viver o drástico qualquer. Nem adianta pedir socorro à esquadra mais próxima...

— Bem, só se fosse para multiplicar os protestos contra o facto de as nossas ruas estarem desertas de policia.

— Gostava de ser eleito?

— Bem, só se fosse para multiplicar os protestos contra o facto de as nossas ruas estarem desertas de policia.

— Quem não votar devia ser preso... Um grito:

«QUEM NÃO VOTAR DEVIA SER PRESO...»

Cada partido concorrente às eleições de domingo solicita votos. Cada partido faz promessas e apresenta o seu programa. Cada partido tem uma linguagem característica. Um erro, um alvo. Uma determinação. Todos fazem um apelo que ninguém falte, que ninguém fique em casa e que vote no dia seguinte.

«A ACABAR O COMPADRIO»

O carro eléctrico é um cacho humano. Estacionado no paragem obrigatória, mas nem uma só pessoa, de quantos o aguardavam há longos minutos, conseguem entrar.

— As autarquias locais, certamente...

O candidato a passageiro dos transportes colectivos não nos deixou acabar a frase:

— Quais autarquias locais, meu caro senhor! Que podem elas contra os monopólios? Está visto que não existem transportes que bastem às necessidades da cidade, sobretudo nas horas de ponta.

— Mas não há a coragem ou, se se quiser, o bom senso de pedir a colaboração de empresas privadas. Há dias em que perco duas horas para chegar a casa, distante daqui, apenas, uns quatro quilómetros.

— Vai votar certamente? Não queremos saber por que lista, nem o seu nome. Diga-nos só o que desejaria ver resolvido na cidade onde mora?

— Eu? Toda a gente, a maioria, aspira a viver numa casa que não lhe leve quase todo o ordenado. O que minha mulher ganha mensalmente vai direito para o senhorio. Dizem que os terrenos são caros e poucos. Dizem que os materiais sobem de preço todos os dias. Dizem que os trabalhadores reivindicam sempre mais elevados vencimentos. Eu cá não sou técnico de coisa nenhuma. Mas a cidade está

chela de pequenas áreas desde há longos anos votadas a serem, apenas, montes de lixo. Por que não se obrigam certos proprietários a subir o número de pisos das respectivas casas, como já aconteceu na rua de Santa Catarina?

— Tem fé nas novas autarquias locais?

«Evítima», uma mulher de meia-idade, olhou-nos frontalmente. Não hesitou na resposta:

— Muita. Acabará o compadrio. Se enganarem a gente, fora com eles. Escolhem-se outros.

— Gostava de ser eleito?

— Bem, só se fosse para multiplicar os protestos contra o facto de as nossas ruas estarem desertas de policia.

— Quem não votar devia ser preso... Um grito:

«QUEM NÃO VOTAR DEVIA SER PRESO...»

Cada partido concorrente às eleições de domingo solicita votos. Cada partido faz promessas e apresenta o seu programa. Cada partido tem uma linguagem característica. Um erro, um alvo. Uma determinação. Todos fazem um apelo que ninguém falte, que ninguém fique em casa e que vote no dia seguinte.

COIMBRA: REFO DO MUNDO

S OB o ponto de vista geográfico e humano, o distrito de Coimbra, com a sua extensão de 3.955,76 quilómetros quadrados e uma população que ronda os 500 mil habitantes, mostra-se extremamente diferenciado pelas suas múltiplas características geográficas e demográficas, que reflectem no contexto social da sua povo.

Contrariando os distritos vizinhos de Aveiro e Leiria, que se espraiam pelo litoral, o distrito de Coimbra vai desde as areias do oceano ao interior das Beirais, tendo como fronteira os montes e os contrafortes da Estrela.

Desta forma se pode compreender a diversificação da sua riqueza humana, em presença dos fenómenos físicos e geográficos que determinam a sua existência, a sua economia e o seu comportamento social, em função da capacidade diferenciada de forma bem diferente do homem que habita nela.

Diferenciação é de tal forma que até nos acidentes geográficos se reflecte: o rio largo e volumoso, para outros é estreito e minguido.

Então, a capacidade readora e os conceitos sociológicos da vida do homem da para o que, de botas ferradas e de mãos empenhadas se encontram-se no

mesmo plano de anseios reflectem a mesma aspiração de um estado de verdadeira justiça social em que não haja favorecidos nem explorados: ambos amam o seu país, ambos têm as mesmas facultades de trabalho, os dois desejam uma situação que lhes permita um maior equilíbrio de classes.

Neste momento em que o povo — o das terras inferiores e os da beira-mar — terá de escolher os seus representantes a nível de freguesias, concelhos e de Assembleias Municipais, este distrito de Coimbra, com as características acima referidas, poderá vir a constituir um precioso compêndio de análise e estudo sócio-político.

Cidades e vilas razoavelmente politizadas, onde toda a actividade gravita à volta dos partidos e aldeias onde resignadamente se afirma «o trabalho é a minha política» (lançar reflexo do medo que a discussão dos problemas nacionais causava), tornando-se em maior importância o preço do feijão ou do milho que a eventual eleição deste ou daquele, constituem um prodigioso cadinho onde se poderão retirar preciosas lições.

No entanto, verifica-se nos 17 concelhos deste distrito uma enorme percentagem de listas independentes para as Assembleias de Freguesia — só no concelho de Coimbra, 23, e no restante distrito, 24 — o que pode reflectir uma certa desvinculação ou desconfiança na acção dos vários partidos políticos.

«Acima de tudo estão os interesses da terra e por tal nos resolvemos por uma lista independente, que integra elementos de vários partidos, mas que não estão ali para os representarem ou para os servir — afirmou nos António Ferreira Pedro, mandatário da lista independente da freguesia de Pereira do Campo, do concelho de Montemor-o-Velho.

O interesse em nos deslocarmos a aquela importante e histórica localidade de mais de 2 mil habitantes, neste período em que os seus campos se encontram cobertos pelas grandes enxurradas do Mondego — um dos cíclicos flagelos daquela gente — foi conhecer os motivos porque se propõe uma única lista, independente, sem que haja qualquer outra apresentação pelos partidos, o que se torna caso único neste distrito a nível de localidades com aquela importância.

«O P. S. ainda tentou constituir uma lista, mas nós já tínhamos organizado a nossa, apartidária, composta pela «fina flor da terra». Não queremos dizer com isto que sejam os «muito importantes» da freguesia, mas sim, sempre aqueles que desde sempre Pereira do Campo conta para todas as realizações — os que gostam da terra e para ela trabalham sem olharem aos seus interesses pessoais.»

O plenário da freguesia, será, em princípio, no próximo dia 19, e provavelmente realizar-se-á no Largo da Igreja, pois que a sala da escola não tem capacidade para albergar todo o povo.

«isto era um inferno»

«Os partidos vêm por cá, prometem muitas coisas, e finalmente não cumprem, e o povo está céptico, desconfiado, e não se mostra em condições de votar. Os partidos não jogam claro...» — afirmou-nos o presidente da Junta de Freguesia de Belide, António Mendes, corroborando assim as

palavras que antes tínhamos ouvido a Ana de Jesus Mendes que, à porta da sua loja, nos disse desconhecer tudo quanto dizia respeito às eleições e ao próprio plenário da sua freguesia: «No nosso tempo não havia nada disto e estas coisas de política são uma trapalhada... não se sabe nada...»

O presidente da Junta dir-nos-ia ainda que a predominância partidária daquelas localidades era do P. S., seguindo do P. S. D., não existindo praticamente qualquer outra filiação. Caciques?... «Não há. O único que poderia ser, se o quisésse, seria o padre, mas eu conheço-o bem e sei perfeitamente que não o faz.»

Belide é uma freguesia pobre que vive dum agricultura pobre, o que motivou a que grande parte dos seus homens emigrassem, razão porque se transformou numa freguesia com menos de trezentos eleitores.

O seu atraso em bens públicos é grande — refere-nos o sr. Mendes — e sente-se ele próprio, como presidente da Junta, desmoralizado por constatar que a sua acção não «vai além da limpeza de uma valeta: pedi 97 contos para obras consideradas urgentes e ofereceram-me a dizer que só dariam 8 contos. Que estou cá a fazer?... Há ali uma rudimentar ponte de madeira, onde nem carros passam e que já causou a morte de uma criança.»

«Nisto era um inferno»

Belide, a pequena freguesia de Condeixa-a-Nova, parecia, na verdade, viver com muito pouco entusiasmo o problema do seu plenário, a eleição dos seus representantes junto do Município...

«Os partidos vêm por cá, prometem muitas coisas, e finalmente não cumprem, e o povo está céptico, desconfiado, e não se mostra em condições de votar. Os partidos não jogam claro...» — afirmou-nos o presidente da Junta de Freguesia de Belide, António Mendes, corroborando assim as

ram as florestas e todos os seus parques haveres.

Dar um salto do Baixo Mondego para a freguesia de Lavagedas, no concelho de Vila Nova de Poiares, é quase mudar de planeta.

Mas fomos até lá, através de invios e declivosos caminhos, que cortam os montes calcinados de árvores erectas, negras, espectrais, cicatrizes pungentes dos gigantes incêndios do passado verão.

«Fomos aqui morrendo todos. Isto era um inferno...» — dizia-nos um homem que arroteava terra e que nos indicou o caminho.

Chegados à sede da freguesia (Igreja Nova), tivemos a sensação de que a meia dúzia de casas que rodeavam a igreja eram peças arqueológicas que povos de ruínas antigas haviam abandonado e que toda a população desde há muito se havia extinguido.

«Mas a aspiração da sr.ª Maria Júlia, a mulher vestida de negro, a chaveira do cemitério, bem como de sua filha, que não sabiam nada de política nem de partidos, era bem outra: um lavadouro e mais nada. Tudo o resto, tudo o que a rodeava, era absolutamente normal, como normal era a chuva e o vento forte que silvava contra os esqueletos carbonizados das árvores espadas pelas encostas da serra...»

«isto era um inferno»

«Os partidos vêm por cá, prometem muitas coisas, e finalmente não cumprem, e o povo está céptico, desconfiado, e não se mostra em condições de votar. Os partidos não jogam claro...» — afirmou-nos o presidente da Junta de Freguesia de Belide, António Mendes, corroborando assim as

«isto era um inferno»

«Os partidos vêm por cá, prometem muitas coisas, e finalmente não cumprem, e o povo está céptico, desconfiado, e não se mostra em condições de votar. Os partidos não jogam claro...» — afirmou-nos o presidente da Junta de Freguesia de Belide, António Mendes, corroborando assim as

«isto era um inferno»

«Os partidos vêm por cá, prometem muitas coisas, que finalmente não cumprem, e o povo está céptico...»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»

«isto era um inferno»



Falta de transportes: um dos mais sérios problemas dos portuenses, cuja solução se anuncia há anos...

tas, e não de agora. Depois, temos o Porto-rural, o Porto-aldeia, e aí a perspectiva eleitoral é totalmente diferente.

Dessa larga zona — a maioria dos eleitores, afinal — se poderá dizer que a percentagem de votos em consciência será muito pouco expressiva. Aí, voltou a dominar, por quase toda a parte, o método do cacique, praticado indiscriminadamente, por todos os grupos partidários, facilitado que

população lê o jornal.

Será necessário lembrarmos-nos de que as eleições para as autarquias locais adquirem um valor muito especial em zonas como o Porto, com um volume tremendo de reivindicações de carácter público das populações, quantas vezes as mais granitantes, que ficaram velhas, à espera das benesses estatais ou da conveniência política. E vai-se votar quando a apregoada política de centra-

dárias que se apresentam a sufrágio, no Porto, em número muito significativo. Lutando com evidente falta de meios e desprovidas de estruturas, a maioria sem qualquer prática de eleições, pelo delas dizer-se que se apresentam ao sufrágio despidas de qualquer intenção de conquista do poder, animadas tão-somente de puras intenções em prol da comunidade.

«Claro que vou votar. Claro que, na minha freguesia, há muitos problemas que eu

NOTÍCIAS DA CAMPANHA

A Comissão Nacional das Eleições distribuiu um comunicado a propósito da forma como tem decorrido a campanha eleitoral, mormente no que diz respeito à forma como tem procedido o partido do Governo, e no qual chama ainda a atenção da RTP e da RDP para a «necessidade de usarem do maior cuidado na elaboração dos seus programas, neste período e das entidades acima referidas para a forma como neles participam». Curiosamente, no comunicado não se faz qualquer menção ao problema surgido em torno da comunicação do primeiro-ministro, não se ficando a saber concretamente as razões que levaram a C. N. E. a tomar esta posição. Numa palavra: a C. N. E. não define se pensa que Mário Soares infringiu a lei ou não, e isso seria, sem dúvida, a função que lhe competiria.

Apresentamos, de seguida, na íntegra, o comunicado da C. N. E.:

«Tem a C. N. E. recebido protestos de partidos políticos, frentes e cidadãos acerca da realização de programas na RTP, em que, segundo esses protestos de que se têm feito eco alguns meios de comunicação social, tem sido realizada propaganda eleitoral por membros do Governo. Entende que, em período de campanha eleitoral como é o que está decorrendo difícil é a qualquer membro do Governo ou a outra entidade, ao tratar de assuntos que dizem respeito à Administração Pública e aos interesses do Estado, fazer nenhuma separação entre o tratamento exclusivo destes e o que constitui campanha eleitoral, embora lhe seja exigida a maior atenção no cumprimento da lei.

Neste sentido, e porque a lei proíbe o uso da rádio e da televisão para fins de campanha eleitoral, a C. N. E. não pode deixar de chamar a atenção destes órgãos de comunicação social para a necessidade de usarem do maior cuidado na elaboração dos seus programas neste período e das entidades acima referidas para a forma como neles participam.»

UTILIZAÇÃO DE INSTALAÇÕES ESCOLARES

O M. E. I. C. distribuiu uma nota oficiosa, relativa à utilização de instalações escolares em actividades eleitorais, do seguinte teor:

«Com vista a evitar situações isoladas inadequadas e eventualmente prejudiciais relativamente ao período de interrupção de aulas nos estabelecimentos de ensino em que funcionem assembleias de voto, o M. E. I. C. informa:

«Nos estabelecimentos dos en-

sinos primário, preparatório, secundário e médio em que funcionem assembleias de voto, poderão, sempre que se justifique, ser interrompidas as actividades escolares, desde sexta-feira, dia 10, até segunda, dia 13, ambos inclusive.

Nos estabelecimentos onde não funcionem, ou mesmo que funcionem, não se torne necessário, não há qualquer suspensão de aulas.»

INCIDENTES GRAVES EM COIMBRA

COIMBRA — No Teatro Avenida desta cidade decorreu, promovida pela Federação Distrital do Partido Socialista, uma sessão de propaganda eleitoral, destinada à apresentação dos candidatos do concelho de Coimbra, que teve a presença de Sottomayor Cardia e Manuel Alegre.

Na sala, mais de uma centena de estudantes manifestavam o seu desagrado pela política do M. E. I. C., através das palavras de ordem já proferidas na manifestação nacional de Lisboa, o que levou os elementos do P. S. a reagirem contra os seus colegas contestatários, estabelecendo-se grande tumulto, sendo mesmo lançada uma grana de gás lacrimógeno, não se sabe bem por quem.

Quando o ministro da Educação iniciou o seu discurso, o problema agravou-se e, impedi- do por uns e por decisão própria de outros, abandonaram a sala, registando-se então actos violentos.

Postados no exterior do teatro, esses mesmos estudantes, continuaram a lançar as suas palavras de ordem — «A luta continua — Cardia vem para a rua» e outras.

Foi então que surgiu um forte conteúdo da Polícia de choque, o que fez com que os presentes, excitados, bradassem — «Já vos conhecemos de 69».

Então, a força policial, fez uma carga sobre os manifestantes, dispersando-os em vários sentidos, produzindo ferimentos, embora ligeiros, em alguns dos estudantes, enquanto estes, como no passado ano de 1969, gritavam em fuga — «Assasinos, assassinos».

Finalmente, os estudantes contestatários, em número superior a duas centenas, mantiveram-se em redor do teatro, afastados por um cordão de Polícia de choque, com o fim de assistirem à saída do ministro, tendo este saído cerca das 9 horas, por uma porta lateral, sob a protecção da Polícia, sem que nada se tivesse verificado.

Este caso produziu a maior agitação e nervosismo entre os estudantes mais novos, que ainda não tinham assistido nesta cidade a um caso destes e, assim, durante grande parte da noite, mantiveram-se na Praça da República, comentando o caso, acabando por se concentrar na Associação Académica.

Espera-se que hoje saia um comunicado sobre os acidentes.

O ministro Sottomayor Cardia, abordado pelos jornalistas antes do início da sessão, perguntado sobre se a sua presença representaria um acto de força, respondeu negativamente, «pois se trata apenas de uma campanha eleitoral, onde os dirigentes do P. S. estão presentes e, como tal, fui escalado pelo Secretariado do Partido para vir a Coimbra, como outros têm estado noutras cidades». E sobre o encerramento da Faculdade de Economia do Porto, afirmou «tratar-se de uma medida indispensável, uma vez que a Comissão Directiva provisória, constituída nos termos de um despacho do ministro baseado na lei, não pôde entrar em funcionamento».

A uma pergunta de como previa a evolução dos acontecimentos, o ministro Sottomayor Cardia respondeu prever «que tudo se há-de normalizar, aliás, já está a caminho de se normalizar». E relativamente à situação provisória do prof. Ferrer Correia como reitor, acentuou «que está a desempenhar as funções de reitor da melhor maneira, com a maior competência, o maior zelo, o melhor tacto, uma pessoa aliás que todo o País conhece, de invulgar qualidades e que está a desempenhar excelentemente as funções que legalmente lhe incumbem».

Quanto ao facto de ter afirmado que iria tomar medidas eficazes, considerou o caso da Faculdade de Economia do Porto «uma medida eficaz e pacífica». Quanto a outras escolas, afirmou-se contrário que isso venha a acontecer mas, «se porventura se criarem condições que impossibilitem que outras medidas se tomem para que se resalve a legalidade democrática, paciência, o que é que se há-de fazer?».

— O sr. ministro está tranquilo em Coimbra? — foi a última pergunta feita ao titular do M. E. I. C.

— Não vejo razão para que não esteja tranquilo. Estou tranquilo em toda a parte. Em primeiro lugar, porque estou tranquilo comigo próprio; e em segundo lugar, porque estou tranquilo em qualquer ponto do território nacional.

PEQUENOS INCIDENTES EM SETÚBAL

SETÚBAL — Ontem à noite, junto à entrada do pavilhão do Clube Naval Setubalense, onde se realizava um comício do Partido Socialista, e já depois deste começar, juntaram-se ali algumas dezenas de indivíduos, afectos a partidos que se autoproclamam à esquerda do P. S., profíndos dióxidos e outros apupos às pessoas que para ali se dirigiam. Contudo, não chegaram a causar perturbações ao comício, uma vez que

a P. S. P. tomou posição estratégica, pelo que o grupo se disseminou sem se ter registado qualquer incidente, pois no pavilhão onde se realizava o comício — completamente cheio — ninguém se apercebeu sequer do que se passava no exterior.

INCIDENTES NUM COMÍCIO DO C. D. S. NA COSTA DE CAPARICA

Alguns feridos ligeiros terá sido o balanço dos incidentes ontem ocorridos junto ao Cinema Copacabana, na Costa de Caparica, quando alguns contramanifestantes tentaram entrar à força na sala onde se realizava um comício promovido pelo C. D. S.

A comissão concelhia do C. D. S., que organizara a sessão, viu-se obrigada a adquirir a locação daquela sala de espectáculo para ali realizar o comício, uma vez que todas as salas públicas da zona se encontravam já cedidas a outras organizações políticas — as quais, curiosamente, não realizaram nessas locais quaisquer reuniões.

Quando se iniciava o comício, porém, alguém teria dito, à porta do cinema: «Não podemos deixar estes gajos fazer o comício», após o que se começaram a juntar algumas dezenas de contramanifestantes, os quais mais tarde, viriam a tentar forçar a entrada na sala, obrigando a uma intervenção da P. S. P., que, prontamente restabeleceu a ordem.

25 SOCIALISTAS DO POVO UNIDO ENVIAM DOCUMENTO AO P. S.

A lista da Frente Eleitoral Povo Unido, na freguesia de Laundos, concelho da Póvoa de Varzim, contém nomes de 25 militantes do Partido Socialista, daquela freguesia.

Os 25 enviaram um documento ao Partido Socialista a justificar a sua decisão: a lista do P. S. foi elaborada sem respeito pela resolução tomada em Laundos, em reunião do núcleo local do partido. Acrescentam que a lista que foi apresentada bem como «os métodos utilizados, contra a vontade dos militantes do núcleo de Laundos não correspondem aquilo que consideram ser uma lista socialista e métodos democráticos de acção».

O caso tem sido muito comentado não só em Laundos mas também na Póvoa de Varzim.

SÁ CARNEIRO NO PORTO

O P. S. D. levou a efeito, no Palácio de Cristal, um comício, que teve a presença de Sá Carneiro, integrado na campanha eleitoral.

Usaram da palavra Vieira da Cunha, da comissão política

distrital: Manuel Moreira, pela J. S. D., o deputado Montalvão Machado e Ollívio França, cabeça da lista à Assembleia Municipal, os quais aludiram, fundamentalmente, aos problemas que urge resolver em vários sectores, nomeadamente na saúde, nos transportes e no trabalho.

Encerrando o comício, o presidente do P. S. D. começou praticamente por acentuar que «estas eleições significam um «não» ao poder popular e um «sim» ao poder local. E deveriam significar, também, uma campanha eleitoral séria, o que não aconteceu por culpa do Governo».

O orador voltou a criticar Mário Soares de ter feito propaganda pela RTP e o caso dos governadores civis «subitamente» se empenharem em percorrer as freguesias «fazendo resurgir os métodos da U. N. e da A. N. P.».

Sá Carneiro, referindo-se ao orçamento e ao plano do Governo, afirmaria que, após a análise dos dois documentos, «temos que dizer, claramente, que o Governo não cumpre com as suas promessas, dividido como está entre as estradas e os aeroportos dos contactos internacionais de prestígio». Seguidamente, enumerou dotações previstas no orçamento para diversas cidades, como Braga, Guimarães, Aveiro, Vila Real, Bragança e Guarda, cujo montante, em nenhum dos casos, atinge, disse, «um por cento do seu total» e fez a comparação com as dotações orçamentais para Lisboa e Setúbal, respectivamente «com o valor de três e nove por cento».

Mais adiante, o presidente do P. S. D. frizaria que «contamos com um Presidente da República que continua o repositório da nossa confiança, tal como o afirmou Pires Veloso, nas comemorações do 25 de Novembro. Que está consciente das dificuldades e dos grandes problemas nacionais pois, se assim não fosse, não se teria afirmado naquela data, disposto a assumir as atribuições que a Constituição implica e explicitamente lhe conferem».

Sá Carneiro evocou, ainda, o relatório sobre as serviços praticados antes de 25 de Novembro — «um horror» — e terminou por fazer um apelo ao voto. «Não votar — afirmo — é entregar o poder, não ao povo, mas ao P. C. P., que agora dá pelo nome de Povo Unido».

F.E.P.U. IMPEDIDA DE COMPARECER NA RTP

A Frente Eleitoral Povo Unido, tendo obtido, junto de um administrador da RTP, a afirmação do seu direito de resposta aos ataques que lhe foram dirigidos pelo dr. Mário Soares durante um programa da Televisão em que participou, viu negado esse mesmo direito

de resposta pelo mesmo administrador, que «lhes afirmou, embaraçado, não poder fazer-se a referida gravação por a Secretaria de Estado da Comunicação Social ter dado ordem em contrário por considerar essa intervenção ilegal».

Estas foram algumas das afirmações produzidas durante uma conferência de imprensa que a F. E. P. U. convocou, com o objectivo de revelar aos órgãos da Informação o documento que iria ser lido perante as Câmaras e no qual é afirmado, nomeadamente: «Não respondemos a insinuações com novas insinuações, a calúnias com novas calúnias (...). Somos pela seriedade contra a exaltação, pelo diálogo contra a intolerância, pela seriedade contra a demagogia, pela unidade democrática contra a divisão».

Na citada conferência de imprensa, presidida por Rui Carvalho (F. S. P.), Silva Graça (P. C. P.), José Tengarrinha (M. D. P.), Mário Ruivo (independente) e Oliveira Sá (independente), foram ainda revelados todos os passos dados pela F. E. P. U. no sentido de conseguir o pretendido direito de resposta. Assim, dirigiram-se ao Conselho da Revolução, onde foram recebidos por Pezarat Correia e Vitor Alves; ao presidente da Assembleia da República Vasco da Gama Fernandes; ao Presidente da República, onde foram recebidos pelo seu Gabinete (dado que o general Ramalho Eanes não recebe até dia 12), e à Comissão Constitucional, tendo ainda solicitado audiência ao primeiro-ministro, que até agora não respondeu. Da «demarche» feita junto da RTP deram também conta com os resultados inicialmente relatados.

Entretanto, mais tarde, uma delegação da F. E. P. U. foi recebida pelo subsecretário de Estado da Comunicação Social, Soares Louro, sendo-lhes uma vez mais referida a impossibilidade de utilização da RTP pelos partidos e frentes eleitorais concorrentes às eleições para as autarquias, ponto em que «a lei eleitoral é bem explícita».

C.D.S.: «A RTP NÃO É UM BRINQUEDO DO GOVERNO»

O secretariado da Comissão Política do C. D. S. enviou um telegrama ao Presidente da República ao Conselho da Revolução, à Assembleia da República, ao provedor de Justiça, e à Comissão Nacional das Eleições, protestando pelo aparecimento prolongado, em pleno período de campanha eleitoral, de Mário Soares na televisão. O C. D. S. reclama o respeito da igualdade entre os partidos e exige a concessão de tempo de antena na televisão, compensatório dos partidos que foram prejudicados, de forma a eliminar a discriminação informativa de que foram alvo.

DISTRITO DE BRAGANÇA

ELEITORES INSCRITOS: 121 141, número referente a Junho de 1976.
CONCELHOS: 12.
FREGUESIAS: 153 com mais de trezentos eleitores e 145 com menos de trezentos eleitores.
PERCENTAGENS NAS ELEIÇÕES DE ABRIL/76: P. P. D., 33,2 • C. D. S., 28,3 • P. S., 22,6 • P. C. P., 2,7 • F. S. P., 1 • U. D. P., 0,8 • M. E. S., 0,4 • Votantes, 78,8 • Abstenções, 21,2 • Votos brancos, 1,2 • Votos nulos, 6.
CONSIDERANDOS: Não concorrem neste distrito o P. D. C., o M. R. P. P., o P. P. M., o P. C. P. (m.-l.) e a L. C. I. Apresentam-se às urnas 5 listas de cidadãos independentes, candidatas a Assembleias de Freguesia, não havendo nenhum local sem qualquer lista de candidatos.

DISTRITO DE VILA REAL

ELEITORES INSCRITOS: 168 857, número referente a Junho de 1976.
CONCELHOS: 14.
FREGUESIAS: 193 com mais de trezentos eleitores e 69 com menos de trezentos eleitores.
PERCENTAGENS NAS ELEIÇÕES DE ABRIL/76: P. P. D., 39 • P. S., 26,2 • C. D. S., 18,3 • P. C. P., 3,1 • U. D. P., 0,9 • M. E. S., 0,7 • F. S. P., 0,5 • M. R. P. P., 0,4 • P. P. M., 0,8 • Votantes, 77,8 • Abstenções, 22,2 • Votos brancos, 1,1 • Votos nulos, 6,4.
CONSIDERANDOS: Não concorrem neste distrito a L. C. I., o P. P. M., o P. C. P. (m.-l.), o P. D. C. e o P. R. T. Apresentam-se às urnas 8 listas de cidadãos independentes, candidatas a Assembleias de Freguesia, não havendo nenhum local sem qualquer lista de candidatos.